

ANDRÉ TAKA

O LIVRO DO INSÓLITO
VIAJANTE E SUA
EXTRAORDINÁRIA
JORNADA





Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Nilton Sérgio Sznifer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T136l TAKA, André. 1977 –
O Livro do Insólito Viajante e sua Extraordinária Jornada / André Taka
– Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.
286 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-453-2

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

CAPÍTULO 01

Cambaleante, esbaforido e aparentemente assustado, Rodrigo chega a sua casa. Era noite de domingo, já entrando na madrugada do fim de verão da fervilhante Salvador.

Cena comum na rotina de Beto, ver seu irmão caçula voltar do gueto fugido da polícia ou de seus “irmãos” do tráfico.

As noites da cidade já eram agitadas o suficiente, mas Rodrigo contribuía para adicionar mais adrenalina à vida da família.

Roberto, Reinaldo, Rafaela e Rodrigo, irmãos que desconheciam o significado de família, pois fora o fato de advirem da mesma mãe, quase não havia laços fraternais que os unia.

Roberto era o menino sertanejo, nascido em Paripiranga, no polígono da seca, e vindo ainda novo com seus pais para a terra do Nosso Senhor do Bonfim. Da herança genética paterna, recebeu a pele morena, queimada de sol; sol do dia inteiro no sertão.

Seu pai fora assassinado quando tinha 08 anos, fato que “obrigou” sua mãe a conhecer outro homem.

No desolado bairro do Planeta dos Macacos, sua mãe conheceu Álvaro, um crioulo esbelto e forte. Pedreiro trabalhador e honesto que lhe deu gêmeos bivitelinos, Reinaldo e Rafaela.

Apesar de suas qualidades, Álvaro gostava de um rabo de saia e não se mantinha com mulher nenhuma. A mãe de Roberto, que não aceitava ser segunda em nenhuma hipótese, expulsou Álvaro de seu barraco e criou seus os gêmeos crioulos sozinha, na raça, na fibra e na favela.

Mas até ela não resistira.

As dificuldades, as lágrimas, os dissabores da vida alcançaram seu peito e minaram sua energia. Por dinheiro, entregou-se à Joseph, um alemão que viera passar férias num dos deliciosos carnavais soteropolitanos e, fisicamente, consolidou seu amor por aquela mulher de fibra cujo nome era muito parecido ao seu, Josefa.

Depositou seu amor e uns reais no bolso da saia cumprida e suja de Josefa que, atônita após esse enlace negociado, prometeu que nunca mais faria aquilo por dinheiro novamente.

Mas muitas promessas sucumbem às necessidades e voltou a fazer por outras vezes com Johns, Andrews, Gianlucas, Martínez e Silvas da vida.

Mas só Joseph lhe deixou uma semente, Rodrigo, um menino loiro, alto, branco e cheio de energia, o que contrariava as noites de Josefa com Joseph, que parecia um senhor trôpego, cansado de um dia de praia, cachaça e vatapá.

Reinaldo, um dos gêmeos, é o orgulho da família, pois entrou para o grupo de bailarinos da cidade, ganha uma ajuda de custo da Prefeitura, estuda muito e pretende mudar do país para seguir carreira. Obstinado, não se dobra a cada dificuldade e parece fazer de cada desafio seu combustível.

É negro, pobre, homossexual e não gosta de futebol, para ser completamente diferente só lhe faltava odiar axé, mas fez jus à terra que nasceu.

Rafaela padeceu da mesma fraqueza que a mãe e chega a negociar seu corpo com ainda mais voracidade. Juntou um bom dinheiro, pensou em sair de casa, mas Rodrigo cheirou suas economias, o que lhe causou um nariz quebrado com uma panelada de Rafaela em sua fuça – “quero ver cheirar essa merda agora, seu alemão filho da puta do caralho” –, foram as últimas palavras dirigidas por Rafaela a Rodrigo, que, por medo ou vergonha, nunca mais olhou na cara da meia-irmã.

À parte de Rafaela ser garota de programa, não traz problemas para família, pelo contrário, ajuda muito sua mãe e Reinaldo. Onde vive, ficou conhecida como a Deusa Negra do Amor e cobra caro para manter esse apelido.

Já Rodrigo, nascido de linhagem europeia, de nobre só trouxe o sobrenome Wolsberg. E se há um filho tranqueira numa família, Rodrigo é a representação dele.

Desde pequeno causou transtornos em casa, não se acertou em escola alguma, sendo expulso de três delas dos 07 aos 11 anos, por motivos diversos: agressão a professores, maus tratos aos amigos e absenteísmo voluntário.

Aos 10 já bebia, aos 11 o primeiro cigarro de maconha, e aos 13 já cometera seu primeiro roubo, mesma idade que cheirou as economias da irmã.

Josefa recebia uma das bolsas de incentivo social do governo federal, mas perdeu porque não conseguia manter seu filho na escola. Era pouco, mas dali saía um pouco do sustento do vício de Rodrigo, pois ela conseguia diminuir a dívida com Caboclo, o patrão da favela que volta e meia dava uma coça em seu filho.

Por causa disso, Rodrigo passou a roubar, furtar e até traficar, trazendo mais tormentos para Dona Josefa e seus irmãos.

Ela e Rafaela já não tinham mais o que negociar para descolar dinheiro e quem não se conformava com tudo isso era o primogênito Roberto. O único que tinha apelido dentro de casa, que carregava sobrenome da mãe, da Anunciação, e quem enfrentava Rodrigo em casa.

Estudara o suficiente para os padrões da família, terminara o segundo grau aos trancos e barrancos, mas era aplicado. Não tinha o talento de Reinaldo, muito menos o faro para negócios de Rafaela, restava-lhe trabalhar. E ele trabalhava demais como inspetor de alunos numa empresa terceirizada da Prefeitura, junto a uma escola no subúrbio soteropolitano.

Conformado, ele se levantava todos os dias para o trabalho, sem nunca faltar. Mesmo sabendo que era um privilegiado na sua família, algo o deixava amargurado, insatisfeito, mas não tinha tempo para questionar, não podia ser ingrato, tinha que agradecer por ter trabalho.

Conheci Roberto há algum tempo. Sujeito diferente que me comoveu com seu jeitão simples e alma cândida. Sentamos numa mesa da redação do jornal onde trabalho e ele me contou de sua jornada.

Jornada que começou exatamente quando Rodrigo chegou em casa cambaleante e esbaforido, naquela noite de fim de verão em Salvador e seguiu por culminar em nossa conversa.

CAPÍTULO 02

A visão de seu irmão caçula entrando alterado mais uma vez em casa foi revoltante para Beto. Olhos esbugalhados, dentes rijos entre si, sudorese e sem falar coisa com coisa. A alucinação era tamanha que nem disfarçava, entrava louco de pó ou pedra e quase destruía a casa toda por causa de seu estado alucinado.

Como precisava de dinheiro para cheirar ou fumar, cometia delitos, mas vício e hábito se misturaram e Rodrigo já roubava por condicionamento.

Mesmo drogado e sem entendimento, ele praticava os roubos e levava o produto para casa, deixando jogado em qualquer canto e só olhava dias depois quando precisava de dinheiro.

Beto olhou a cena do irmão derrubando as poucas panelas da mãe no chão, jogando uma mochila alaranjada que trouxera da rua e se atirando numa cadeira de plástico, daquelas brancas de bar próxima à pia utilizada para lavar a louça.

O barraco em que viviam sequer tinha divisão de cômodos. Sala, cozinha e quarto eram integrados. Rafaela, pelo menos, colocara um compensado pra separar a cama aonde dormia e também eventualmente aparecia com algum namorado ou cliente insistente.

Sentado, de pernas esticadas, braços apoiados e abertos na cadeira e queixo praticamente encostado a seu peito, Rodrigo parecia um boneco, até sua respiração acelerada dera uma pausa. A suja camiseta regata já demonstrara que o dia fora longo

e que encardidos não estava só sua vestimenta, mas também seus atos pretéritos daquela noite.

Beto levantou de sua cama e a passos lentos chegou até a mochila. Pegou-a, ergueu-a e sentiu que estava cheia. Repousou-a no chão empoeirado, balançou a cabeça negativamente e esfregou as mãos no rosto como se tentasse arrancar os sentimentos de ira e inconformismo.

Pegou uma das panelas de sua mãe que Rodrigo deixara cair, encheu-a de água e dois passos estava na frente de seu irmão.

Em casa era Rodrigo, na favela era Alemão e na boca era Chuazi, um apelido em referência ao impronunciável nome do jogador alemão Schweinsteiger, mas, naquele momento, para Beto seu irmão era apenas um delinquente, um drogadinho besta que envergonhava a família e fazia mal aos outros.

Sem pestanejar e com um pulsante ódio dentro de si, que dilatava as veias de suas têmporas, derramou a água fria em cima de Rodrigo, que mal acordou, mas resmungou, e com a mesma raiva que lhe consumia, Beto puxou o irmão pelos cabelos que, agora sim já mais desperto, lutava contra o inimigo que não conseguia identificar, pedindo – “larga meu cabelo pelo amor de Deus, seu poliça” –, sem saber que era na verdade seu irmão.

Beto praticamente jogou-o para fora de casa e ainda lhe desferiu alguns chutes próximo ao rim enquanto gritava: “ladrão e viciado filha da puta não moram nessa casa não, vai para o inferno, seu merda”.

Incapaz de reagir, talvez pela surpresa do ataque, talvez pelo torpor das drogas, Rodrigo ficou ali, estatelado no chão, enquanto Beto pegou a mochila em sua casa e seguiu sem deixar recado, caminhando quase numa marcha, enquanto ouvia murmurinho dos vizinhos que mesclavam entre elogios e reprovações pela atitude.

Chegou no ponto de ônibus, estava seguro de onde ia, na delegacia de polícia. Era doloroso para ele dedurar seu irmão,

era duro ter agredido seu irmão, mas era necessário, até quando a família seria refém dessa situação?!

Pegou o ônibus, pagou com o vale transporte do trabalho e seguiu em direção à delegacia mais próxima de sua casa. Sentou-se no vazio coletivo e tentava nem pensar no que sua mãe lhe diria, mas sabia que era a decisão mais correta.

Seria penoso para ela, mas não podia continuar assim. Se ninguém se colocava no lugar das pessoas roubadas, ele ao menos tentava se imaginar na situação, na tristeza e raiva de ter os pertences de furtados após tanto esforço e dedicação em seu emprego.

Depois de cerca de 20min no trepidante ônibus, chegou ao destino, a 25.^a Delegacia de Polícia, no bairro de São Cristovão. Parou na porta e hesitou, olhou para entrada, uma velha casa caindo aos pedaços, pintura malfeita, um totem dilacerado pela ação do tempo e, por titubeantes trinta segundos, se deteve para conversar com sua consciência para convencer a si mesmo se era o melhor a ser feito.

Que era o certo ele não tinha dúvidas, mas não sabia se era o melhor, pois iria entregar seu próprio irmão para polícia, denunciar um crime. O que sua mãe pensaria disso? Ou estaria na verdade ajudando seus irmãos e mãe tentando tirar um problema de seu cotidiano? Acabou decidindo pelo certo, e, pé-ante-pé, entrou ressabiado, pois não tinha muito hábito nessas coisas de polícia. Dirigiu-se a uma placa onde estava escrito “Plantão Policial”.

Um rapaz jovem com cara de mal humorado nem olhou em seus olhos. Era madrugada, ele entendia.

– Senhor – chamou o policial, mas não foi atendido. Insistiu:

– Senhor policial – nada, nem a cabeça se movera, continuava o policial sentado com a cabeça baixa como se estivesse lendo algo.

Ele percebeu que teria que aumentar o volume da voz e assim o fez:

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 80 g/m², em outubro de 2018.
